

A tradição filosófica conhece, quanto ao problema do conhecimento, duas correntes básicas. Podem ser chamadas, grosso modo, de correntes empirista e racionalista. A primeira crê que os sentidos transmitem ao intelecto informações sobre a realidade, as quais são, do ponto de vista do intelecto, conhecimentos. A segunda crê que conhecimento é produto do intelecto. No fundo, as duas correntes representam dois pontos de vista sobre a realidade. O empirismo tende a admitir a realidade do mundo sensível, o racionalismo tende para um ceticismo quanto a essa realidade. É, portanto, curioso observar, como o empirismo radical do século 18 resulta num ceticismo desesperado (Hume), e como o racionalismo radical do século 20, tal qual foi praticado pelos logicistas de Viena, resulta numa espécie de neo-positivismo surdo e mudo (Wittgenstein). Estamos diante um círculo aparentemente vicioso: o empirismo radical desemboca no racionalismo, o racionalismo radical desemboca no empirismo. Quanto mais gira o círculo, tanto mais duvidamos da nossa capacidade de conhecer.

Entretanto, o vício do círculo é aparente, e não inerente. Cada revolução é seguida por uma reavaliação crítica que resulta numa restauração do conhecimento em novo plano. O intelecto não se rende. Ao ceticismo de Hume segue o criticismo de Kant com sua reformulação do conceito "conhecimento". Ao neo-positivismo desesperado de Wittgenstein seguirá, sem dúvida, uma nova reformulação desse conceito. O conhecimento será salvo, embora com sacrifícios. Hume destruiu a nossa fé nos sentidos como instrumentos de apalpar a realidade. "Muito bem", diz Kant, "então essa realidade em si não me interessa." Wittgenstein destruiu a nossa fé na capacidade do intelecto de ultrapassar os limites da língua. "Muito bem", dirá alguém no futuro imediato, "então aquilo que está além da língua não me interessa."

Schopenhauer representa o ponto de partida para essa reformulação do conhecimento. Para ele o conhecimento é o inverso da vivência (modernizando um pouco a sua terminologia). O conhecimento é o aspecto intelectual da vivência, que a acompanha para destruí-la. A vivência, se e quando conhecida, é destruída. O conjunto das vivências Schopenhauer chama de "mundo como vontade", e o conjunto de conhecimentos ele chama de "mundo como representação". Schopenhauer detesta a vida. Em consequência, valoriza positivamente o conhecimento como fator destruidor da vida. Entre tanto é claro que esta epistemologia perversamente otimista não pode ser mantida por muito tempo. Nietzsche a inverte. Valorizando a vida, des-

valoriza o conhecimento. Inicia, desta forma, uma revalorização de valores, cujas consequências, até agora em sua maioria nefastas, estamos longe de poder avaliar. O primeiro resultado desta revalorização no campo de ~~epistemologia~~ teoria do conhecimento é a oposição: "arte" e "verdade". Valorizando o primeiro conceito e desvalorizando o segundo, e criando uma tensão dialéctica entre ambos, Nietzsche prepara o campo para o existencialismo. As palavras "arte" e "verdade", tal qual são usadas por Nietzsche, serão, portanto, provavelmente, os temas principais da especulação filosófica do futuro imediato. Não podem ser, entretanto, compreendidas sem uma análise prévia do conceito nietzscheano "Wille zur Macht", o qual está sendo traduzido para o português por "vontade do poder" de maneira muito inadequada. Como creio que se trata de um problema básico do pensamento da atualidade, tentarei, no curso deste trabalho, encontrar uma tradução mais adequada.

Nietzsche diz que "tudo é Wille zur Macht". Trata-se, evidentemente, de uma afirmação ontológica, de uma afirmação que diz respeito ao Ser. Entretanto, ela tem sido interpretada por espíritos raios e ócos de maneira diferente. A interpretação político-social resultou na identificação de Nietzsche com um macchiavellismo curioso e, é responsável, em parte, por aquela sujeira que é chamada, eufemisticamente, de "pensamento nazista". A interpretação biológica dessa afirmação resultou nos diversos biologismos, psicologismos e vitalismos que barbarizam a atualidade, e cujos representantes menos nefastos são Bergson e Freud. A interpretação física da afirmação "tudo é vontade do poder" começa a esboçar-se atualmente. A energia seria a vontade que tende para o poder em forma de matéria. Essa interpretação pode conduzir a uma cosmologia escatológica e paracientífica de grande atração intelectual, portanto duplamente nefasta. Como se vê, Nietzsche é um pensador perigoso. Quando afirmava que "tudo é vontade do poder" brincava com todos os significados enumerados acima. Gostava de brincar com o fogo. Entretanto, o que realmente tinha em mente, é algo diferente. Era a tentativa de formular numa frase que o Ser é o cadáver do Devir ("werden"). Era a tentativa de dizer explicitamente, de explicar, portanto, que tudo o que é, "deveiu," (dass alles was ist, wurde). Formulada assim, a afirmação parece banal, como aliás todos os pensamentos importantes. Trata-se, entretanto, de uma autêntica revolução

no pensamento do Ocidente. É o abandono definitivo da metafísica ocidental, a qual opera, conscientemente ou inconscientemente, com um Ser absoluto. Desvaloriza o Ser, e valoriza o Devir, o Tornar-se, o Aparecer. Valoriza o mundo das aparências, e aniquila o mundo platonico das Ideias eternas. Neste sentido podemos falar do nihilismo de Nietzsche. A "verdade" como algo pertencente ao mundo platonico, é desvalorizada. A "arte" como algo que ~~se~~ produz, faz devir (werden macht), é valorizada. Porque explica Nietzsche o Devir como "Wille zur Macht"? A razão disso está escondida dentro do tecido da língua alemã, por certo, sem que Nietzsche se saiba. A palavra "Wille" vem do verbo "wollen" (querer) que tem o sub-significado "devir", como se vê no inglês: "He will do=er wird machen=fará". A palavra "Macht" vem do verbo "machen" (fazer). "Wille zur Macht" é portanto "querer tornar-se para ser feito". A palavra "arte" em alemão é "Kunst" e vem do verbo "koennen" (poder). O poder em português é portanto equivalente ontologicamente com a arte em alemão. Para Nietzsche a arte é o processo pelo qual a vontade chega ao poder. A arte é a maneira como a realidade se realisa. Em português não podemos seguir este argumento. Para Nietzsche "arte" é potencialidade, para nós "poder" é potencialidade. Para Nietzsche "poder" é potencialidade superada, realizada, morta, (já feita). A vontade, quando chegou ao poder, está superada, por ter-se realizada. Aqui entra o segundo pensamento nietzscheano, a saber o "eterno retorno do mesmo", o qual ultrapassa o escopo deste trabalho.

Quando Nietzsche diz "alles ist Wille zur Macht" explica uma ontologia implícita na língua alemã, que pode ser traduzida para o português aproximadamente como segue: "tudo pode ser feito, querendo.", isto é "tudo pode devir". Isto se parece muito com a afirmativa "nada é". Uma é complemento da outra. Poderíamos reunir as duas afirmativas em uma: "Tudo ainda é nada ou já não é mais que nada". Nietzsche o formula mais poeticamente em sua famosa frase: "Deus está morto". Longe de ser a expressão de um ateísmo estéril, trata-se de uma afirmação da realidade como potencialidade superada. Ele não diz que Deus não existe, mas que está morto. Identifica portanto Deus com "Macht" (aquilo que foi feito).

É deste ponto que parte o existencialismo. O Deus que está morto, o Nada para o qual tudo que devem tender, o Nichts de Heidegger, o Néant de Sartre, dentro do qual tudo se precipita, a Chute portanto de Camus, está no centro do pensamento da atualidade. É um Nada poderoso e ativo, "nadifica". Trata-se de um renascimento da fé religiosa, embora de uma religiosidade aparentemente invertida. Essa fé, essa religiosidade tem, como consequência, uma nova teoria de conhecimento.

Wittgenstein demonstrou, e creio que o fez irrevogavelmente, que o intelecto é idêntico com a língua, e que os pensamentos são idênticos com as frases. Todo conhecimento é, portanto, puramente verbal e não significa "nada". Trata-se de um ceticismo desesperado, trata-se do fim do racionalismo. Eis que surge o existencialismo para proporcionar uma saída dessa situação sem saída. O conceito "conhecimento" está sendo reformulado como conjunto das estações percorridas pela vontade em seu progresso rumo ao poder, ou, para falermos mais modernamente, como o conjunto dos produtos da existência em sua projeção rumo à morte. Que importa que estes produtos sejam palavras, como demonstrou Wittgenstein? Não deixam, por isto, de ser conhecimento autêntico. Que importa que essas palavras não signifiquem "nada"? Afinal, tudo significa "nada" no sentido de apontar e substituir o nada.

Não direi que a síntese entre a filosofia logicista e existencialista que acabei de esboçar já se tenha realizado. Entretanto paira no ar e será feita. Representará, para o nosso século, o papel que o criticismo desempenhou no século 18. O criticismo sacrificou a "coisa em si", para permitir o progresso do espírito humano rumo ao conhecimento. O nosso século sacrificará o "significado" para permitir a continuação desse progresso. Afinal, o espírito humano é uma forma da vontade que quer chegar ao poder, mesmo sabendo, que esse poder é o Nada.